

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE ARTES
CURSO DE TEATRO – LICENCIATURA



Trabalho de Conclusão de Curso

**TEATRO DO OPRIMIDO NA COMUNIDADE: A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA
ESCOLA E A FORMAÇÃO DE UM PROFESSOR DE TEATRO**

ISMÁILER RODRIGUEZ BORGES

Pelotas, 2020

ISMÁILER RODRIGUEZ BORGES

**TEATRO DO OPRIMIDO NA COMUNIDADE: A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA
ESCOLA E A FORMAÇÃO DE UM PROFESSOR DE TEATRO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Teatro – Licenciatura, no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas como requisito parcial a obtenção do título de Licenciado em Teatro.

Orientadora: Profa. Dra. Fabiane Tejada da
Silveira

Pelotas, 2020

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

B732t Borges, Ismáiler Rodriguez
Teatro do oprimido na comunidade: a extensão
universitária na escola e a formação de um professor de
teatro / Ismáiler Rodriguez Borges; Fabiane Tejada da
Silveira, orientadora. — Pelotas, 2020.
25 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Teatro)
— Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, 2020.
1. Teatro. 2. Extensão. 3. Educação. 4. Comunidade. I.
Silveira, Fabiane Tejada da orient. II. Título.
CDD : 791

Elaborada por Leda Cristina Peres Lopes CRB: 10/2064

DEDICATÓRIA

Dedico primeiramente a mim mesmo, pelas inúmeras vezes que senti impotência em relação à minha formação universitária e pelas vezes que pensei que jamais chegaria até aqui.

À minha avó, que foi a base do meu desenvolvimento como pessoa para que hoje eu pudesse ser quem sou.

À minha mãe, que sempre confiou em mim e no tempo que eu precisava para desenvolver a minha graduação, além de me manter na cidade de Pelotas para que eu pudesse concluir os meus estudos.

Aos meus amigos que foram indispensáveis para que eu pudesse ter sede de estudo e conhecimento. Foram eles que me levaram para frente nos momentos que mais precisei de orientação.

Aos colegas do teatro do oprimido espalhados pelo Brasil que lutam pelos mesmos objetivos que eu: por uma sociedade igualitária, com mais oportunidades e sem opressões e livre de qualquer tipo de preconceito nas comunidades que estamos trabalhando.

Agradecimentos

Agradeço a oportunidade de ter sido inserido na universidade para poder ter um curso superior gratuito e de qualidade.

Aos professores que foram os meus pilares na academia para que eu pudesse alcançar este trabalho.

À Profa. Dra. Fabiane Tejada, mulher inspiradora dentro e fora da universidade.

A teatralidade é essencialmente humana. Todo mundo tem dentro de si o ator e o espectador. Representar num 'espaço estético', seja na rua ou no palco, dá maior capacidade de auto-observação. Por isso é político e terapêutico. (Augusto Boal)

BORGES, Ismáiler Rodriguez. **Teatro do Oprimido na Comunidade: A Extensão Universitária na Escola e a Formação de um Professor de Teatro**, 2020. 25 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Teatro – Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

RESUMO

Esta pesquisa discute principalmente como a interação com o Teatro do Oprimido repercute na formação de um professor de Teatro, dialogando com o teatrólogo Augusto Boal, sistematizador do Teatro do Oprimido, e com Paulo Freire, pedagogo criador da Pedagogia do Oprimido, dois teóricos que aproximam seus pensamentos. Como integrante do Projeto de Extensão Teatro do Oprimido na Comunidade (TOCO) do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), compartilho sobre a minha experiência enquanto Tocomano¹ durante o ano de 2019 em uma escola pública na cidade de Pelotas/RS, refletindo sobre como a participação neste projeto contribui para a minha formação docente e ao mesmo tempo como a experiência com o Teatro do Oprimido pode repercutir na vida de outras pessoas que entram em contato com ela.

Palavras-chave: Teatro; Extensão; Educação; Comunidade.

¹ Tocomano é o termo que usamos para nos referirmos a um integrante do TOCO. O Tocomano é aquele que compartilha dos estudos de Augusto Boal e que faz parte de um grupo de pessoas que participam do projeto de extensão Teatro do Oprimido na Comunidade do Centro e Artes da UFPel.

BORGES, Ismáiler Rodriguez. **Teatro do Oprimido in the community: the University work in School and the formation of a Theater teacher**, 2020. 25 pages. Theater Undergraduate thesis – Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020

ABSTRACT

This research discusses mainly how the interaction with the “Teatro do Oprimido” resonates in the formation of a Theater teacher, dialoging with Theatrologist Augusto Boal, founder of “Teatro do Oprimido”, and with Paulo Freire, pedagogue and maker of the Oppressed Pedagogy, both having the same mindset. As a member of the “Projeto de Extensão Teatro do Oprimido na Comunidade” (TOCO) of the “Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas” (UFPel), I share my experience as a fellow tocomano during the year of 2019 in a public school in the city of Pelotas/ RS, reflecting about how my participation in this Project contributes for my academic formation and at the same time how the experience with “Teatro do Oprimido” can reflect on life of other people in contact with it.

Key Words: Theater; extension; education; community.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 SOBRE A PEDAGOGIA E O TEATRO DO OPRIMIDO.....	10
2.1 Meu Encontro com Augusto Boal e Paulo Freire.....	10
2.2 Minha Percepção de Mundo Através da Participação no Projeto Teatro do Oprimido na Comunidade (TOCO).....	11
3 PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS COMO PROFESSOR DE TEATRO.....	15
4 COMO A TEORIA E A PRÁTICA SE CONVERSAM.....	20
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	24

1 INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa tenho como objetivo geral compartilhar a minha experiência com o teatro do oprimido, separado em três capítulos, desenrolando as minhas percepções, dificuldades e conclusões sobre o meu início na prática docente na escola pública.

No primeiro capítulo, escrevo sobre o meu encontro com Augusto Boal e Paulo Freire, no meu ingresso à extensão, junto de outros extensionistas até a prática em comunidade. Iniciando um novo olhar sobre o mundo e a educação pública, exponho minhas percepções sobre o processo formativo.

No segundo capítulo, comento sobre a minha chegada na escola e as dificuldades que encontrei. Tive que me “moldar” para me inserir naquela comunidade, o pouco que eu pudesse acrescentar naquele espaço seria de muita importância para a minha iniciação docente. Também explano sobre a mudança que foi acontecendo comigo durante esse percurso e as minhas percepções em sala de aula.

No terceiro capítulo, uma análise de como a teoria e a prática se dão dentro das salas de aula. É muito difícil ser um iniciante na prática, gera incertezas, medos, conflitos, é um momento de construir um processo que namore a teoria dentro da realidade de determinado grupo.

Pode-se dizer que o trabalho de campo, desenvolvido no ano de 2019, faça sentido para o grupo em que estive atuando em outro momento de suas vidas, e que eu enquanto mediador de teatro do oprimido, em constante aprendizagem, possa fazer outras análises sobre outras experiências em comunidades que poderão surgir em novas oportunidades. A formação do professor em sala de aula se dá do início ao fim da sua carreira.

2 SOBRE A PEDAGOGIA E O TEATRO DO OPRIMIDO

2.1 MEU ENCONTRO COM AUGUSTO BOAL E PAULO FREIRE

O Teatro do Oprimido foi sistematizado por Augusto Boal durante a ditadura militar na década de 60, suas técnicas teatrais originaram-se em momentos diferentes da sua vida, algumas durante o seu exílio, e também a partir da necessidade da comunidade em que estava trabalhando. Boal visa problematizar os conflitos sociais tendo o teatro como ferramenta, pois, para ele, todos somos teatro, todos fazemos teatro. Boal pensou na necessidade de fazer um teatro dialógico, que instigue os indivíduos a falarem sobre a relação opressor/oprimido na sociedade. O educando se torna o personagem, com o viés de problematizar ações do contexto social, político e histórico onde está inserido encontrando soluções para lidar com as opressões vivenciadas sem tornar-se o opressor.

Se o oprimido artista for capaz de criar um mundo autônomo de imagens de sua própria realidade e de representar sua libertação na realidade dessas imagens, poderá extrapolar, em seguida, para a sua própria vida, tudo o que tiver realizado na ficção. A cena e o palco tornam-se o campo de prova para a vida real (BOAL, 2009, p. 27).

Enquanto professor de teatro em formação, faço uma análise primeiramente da minha percepção em relação com o mundo. Pensando na relevância de entender as diferenças sociais e o mundo ao meu redor, é necessário que eu entenda o racismo, a homofobia, o capitalismo, entre tantos outros fatores que oprimem os mais vulneráveis. Este também é o meu papel enquanto mediador de teatro do oprimido dentro do espaço escolar.

O Teatro do Oprimido nos instiga a problematizar, quando alcançamos a comunidade, observamos e procuramos estimular aquele grupo para que consiga por si só identificar as opressões existentes tanto no ambiente escolar, quanto familiar e social e, a partir disso, encontrar soluções que sejam de diálogo. Além disso, a proposta é que os oprimidos não se tornem os opressores, já que não temos como objetivo inverter os papéis entre opressores e oprimidos.

Paulo Freire afirma que o ponto de partida para a educação como prática de liberdade são: a ética, a solidariedade e a libertação. Os oprimidos têm a tarefa de

construir a liberdade de todos, de olhar, observar e se conhecer. Freire propôs uma educação que respeita os diferentes pontos de vista sobre um mesmo tema, acreditando que todos os indivíduos são capazes de expor determinada realidade. A meu ver o pensamento de Freire mostra que existem realidades diferentes e modos diferentes de percepção da realidade. É preciso levar em consideração a história de vida de cada indivíduo, a realidade que é daquele grupo, o que configura a sua própria identidade.

A maneira sempre aberta como me experimentei em casa, com direito posto em prática de perguntar, de discordar, de criticar, não pode ser desprezada na compreensão de como venho sendo professor. De como, desde os começos de minha indecisa prática docente, eu já me inclinava, convicto, ao diálogo, ao respeito ao aluno (FREIRE, 1993, p.83).

Presumo que a família tem a responsabilidade primeira no desenvolvimento da criança. O indivíduo mesmo que com pouca idade vive experiências, amizades e opiniões que são distintas do espaço familiar e nos espaços outros de socialização como na escola, por exemplo. Por conta dessa discordância de opiniões entre família e sujeito, acaba gerando uma série de atritos que resultam no distanciamento familiar, por falta de diálogo, respeito, intolerância dos pais em relação ao desenvolvimento do filho, intolerância do próprio filho com a realidade dos pais.

O indivíduo no seu desenvolvimento se identifica ou não com conceitos defendidos no espaço de convívio e criação familiar, sendo assim é importante que o diálogo prevaleça, para que as diferenças sejam apreciadas e respeitadas. Na escola não é diferente, aquele espaço deve e precisa ser de diálogo entre alunos e professores, o educador é um mediador por ser um adulto, profissional capacitado para desenvolver o processo educativo, e o educando é a pessoa que está presente para ser ouvida e fazer uma troca de conhecimentos com o educador. Não há sala de aula sem aluno e não há sala de aula sem o professor, essa troca de domínio enriquece o trabalho docente e o avanço do discente.

2.2 MINHA PERCEPÇÃO DE MUNDO ATRAVÉS DA PARTICIPAÇÃO NO PROJETO TEATRO DO OPRIMIDO NA COMUNIDADE (TOCO)

Inicia-se uma nova versão de mim, no primeiro contato com o TOCO com os meus outros colegas do Curso de Teatro – Licenciatura, participantes do projeto. Havia naquele espaço pessoas com os mesmos propósitos: estudar Augusto Boal e Paulo Freire e inserir-se nas escolas ou grupos de bairros como agentes que chegariam para contribuir com algo novo ali, “o Teatro do Oprimido”. Com isso, tive a oportunidade de conhecer os meus colegas e reconhecer a mim mesmo. Foi através desse primeiro contato, que pudemos levantar questões que foram tão perturbadoras em nossas vidas, não era apenas comentar sobre opressões, era comentar sobre as nossas próprias opressões. Convivi com um grupo afetuoso, rico em experiências, conhecimentos e junto de uma professora capaz de partilhar tantos saberes para os seus alunos.

Além de atividades teatrais práticas, foi nesse momento de diálogo que eu pude aprender mais, por isso acredito que a potência do diálogo é capaz de tudo. Os nossos encontros faziam com que ao passar do tempo tivéssemos confiança uns nos outros, e juntos pudéssemos desenvolver nosso primeiro contato na comunidade. Foi também a partir daqui que me tornei crítico e observador dos meus próprios amigos e espaços que eu estava acostumado a frequentar. Das minhas ações, do meu vocabulário e do quanto somos reprodutores e reféns da falta de conhecimento.

Iniciei o meu trabalho na escola atuando pelo projeto TOCO com muita energia, eu estava iniciando a prática de toda teoria que eu havia me embasado, muito convicto do meu objetivo e aberto a todos. Iniciei com os sextos e sétimos anos, idades variadas, entre onze e dezessete anos. Ao mesmo tempo que eu estava conhecendo os alunos, eles estavam me conhecendo e me recebendo a cada encontro. O teatro na escola é visto como um produto comercial, na compreensão dos alunos e até mesmo do corpo docente, é preciso mostrar algo para o restante da escola: um espetáculo, uma história com início, meio e fim. Mas o nosso objetivo enquanto professores de teatro é o desenvolvimento da turma durante o período que estamos juntos, o foco é no processo, sem necessariamente obter um produto final, embora considere a apresentação uma parte do processo, mas isso seria apenas uma parte. Não cheguei na escola dizendo o que iríamos fazer, eu propus. Expliquei o que seria o teatro do oprimido, o que eu estava fazendo ali e o motivo de trabalharmos determinados jogos e atividades. Fui bem recebido, tanto pelos alunos quanto pelos professores, eu era algo novo para eles que estavam e que estão acostumados com a relação de professor/aluno “tradicional”. Eis que aqui me deparo com o que Paulo

Freire chama de educação bancária, o distanciamento entre professores e alunos que ainda é muito presente no cotidiano das escolas. Freire questiona muito a relação do professor com o aluno, já que neste modelo bancário são os educadores os que ensinam e os educandos os que aprendem. A educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante. Freire explica:

Por isto mesmo é que uma das características desta educação dissertadora é a “sonoridade” da palavra e não sua forma transformadora. Quatro vezes quatro, dezesseis; Pará, capital Belém. Que o educando fixa, memoriza, repete, sem perceber o que realmente significa quatro vezes quatro. O que verdadeiramente significa capital, na afirmação, Pará, capital Belém. Belém para o Pará e Pará para o Brasil. A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão. (FREIRE, 1996, p.57).

Diante disso, percebo o quão necessário é a transformação na educação, educar não é “decorar” um conteúdo, não é saber quem era Cristóvão Colombo apenas por saber, por exemplo, é saber interpretar, questionar, entender. Quatro vezes quatro é dezesseis porque quatro mais quatro, mais quatro e mais quatro são dezesseis. E não simplesmente por saber de forma decorada que quatro vezes quatro é dezesseis. É desenvolver o conhecimento, praticar a sabedoria e não apenas uma decoreba que não gera conhecimento algum. Avaliar um aluno por nota desfaz todo seu conhecimento enquanto ser humano, e o nosso trabalho de professores de teatro dentro da escola se distancia visivelmente disso. Responder perguntas em uma avaliação escolar da maneira que o professor solicitar desfaz toda a construção de um cidadão e de uma sociedade que a gente idealiza, há várias formas de avaliar um aluno em sala de aula, como por exemplo em trabalhos artísticos, exposições, apresentações. Essa educação retrógrada não faz seres pensantes, interpretadores, observadores e criativos, apenas reprodutores.

A construção escolar que me deparo hoje, me faz pensar na necessidade de sua reconstrução. Todos nós, mesmo sem sermos professores, temos experiências na escola, já fomos alunos, sabemos como funciona o sistema educacional. Por conta disso, eu, docente em formação, uso da minha experiência enquanto discente, para ingressar na docência. O que devemos propor para as futuras gerações de professores, são professores sensíveis, observadores e abertos à construção

educacional daquela comunidade. Um aluno por exemplo, periférico, com conflitos familiares, abarca experiências que nós não vivemos, pois cada um tem a sua realidade. O papel do professor enquanto profissional, é construir conhecimento e saber avaliar de forma justa. E quando falo em justa, levo em consideração a maneira que o educando se manifesta: sua cultura, a forma que consegue ingerir e expor determinado assunto, percepção, conhecimento e saberes. Se nós, que somos pessoas adultas em constante evolução, em constante fase de conhecimento, temos que perceber que com um aluno criança/adolescente não é diferente. Nas fases jovens, o conhecimento nem sempre é como nós, professores, queremos. Algo vai chamar mais atenção do que outro, muitos despertarão interesse em áreas distintas.

Foi através da participação em projetos de extensão na Universidade que pude me identificar com a sociedade em que estou inserido, para instigar outros seres eu precisava saber quem sou, e esse processo durou todo o tempo em que estive dentro da academia. Durante esse período identifiquei situações conflituosas que ocorreram em determinados momentos da minha vida, a minha criação que foi apenas uma reprodução familiar que passa de geração em geração. Em *As verdades de cada cultura*, Boal diz:

A verdade de cada sociedade humana, ou de cada um dos seus segmentos, é determinada por sua cultura. Que é a soma ativa de todas as coisas produzidas por qualquer grupo humano em um mesmo tempo e lugar, em sua relação com a natureza e com outros grupos sociais. Não só as coisas, em si mesmas, que são cultura, mas também o conjunto das condições sociais nas quais essas coisas se produzem e são usadas, nos objetivos e formas de produzi-las. Hábitos, costumes, rituais e tradições; crenças e esperanças; técnicas, modos e processos; sobretudo valores da ética, como proposta, e da moral vigente – tudo isto forma a cultura, que, em cada momento histórico, revela o estado das forças sociais em conflito – ou, dele, boa parte. (BOAL, 2009, p.32)

A maneira que sempre me expressei no mundo e a minha facilidade de me comunicar com as pessoas fez com que eu pudesse deixar de reproduzir apenas os ensinamentos das minhas origens e partisse para uma descoberta de um mundo diferente do que eu estava acostumado.

3 PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS COMO PROFESSOR DE TEATRO

O meu primeiro contato com a escola foi em uma visita para conhecer o espaço, o corpo docente e os alunos. Durante toda a graduação estudamos as teorias acerca do ser e saber docente em sua relação com a escola. Quando nos deparamos com a “escola real” é como se levássemos um choque. Aquele ambiente era totalmente diferente do que eu imaginava, não havia sequer uma pessoa que não estivesse curiosa sobre como seriam as nossas aulas e isso gerava muita responsabilidade para mim.

O corpo docente, ou talvez uma parte dele imaginava que as minhas aulas de teatro eram para fazer algum espetáculo teatral, ou para “nos usar”, estudantes de teatro da universidade como um objeto para criação e entretenimento dos alunos e seus familiares. Não é incomum nas escolas atribuir ao professor de Artes a tarefa de organizar festas de final de ano, de datas comemorativas e festa da primavera. No entanto não é nosso objetivo com esta área do conhecimento, e esse foi o meu primeiro desafio: explicar para o corpo docente qual o nosso verdadeiro objetivo dentro da escola.

O papel do extensionista do TOCO é, enquanto estudante, iniciar a prática docente na comunidade para desenvolver seus conhecimentos teóricos sobre Augusto Boal e Paulo Freire, conhecendo a realidade de cada comunidade para identificar questões relativas as opressões existentes nos espaços educacionais e sociais, um trabalho responsável junto com outros colegas extensionistas. O nosso objetivo enquanto professores de teatro, que se utilizam da metodologia do Teatro do Oprimido é o desenvolvimento de cada aluno, é estimular o uso do teatro como uma linguagem potente, para problematizar os saberes sociais e com o corpo expressar suas inquietações relativas a esta problematização.

Não objetivamos primeiro um resultado final, um produto teatral, queremos que o aluno por si só consiga identificar as opressões que sofre e que saiba lidar com essas questões no seu cotidiano a partir daquele momento, dialogando com outros seres e levando melhores condições de convivência para a sua vida familiar e social.

Estive em três turmas bem diferentes: Uma agitada, outra tranquila e outra sem intenção alguma de me receber. Com a turma que não tinha intenção de me receber e não estava aberta ao que eu oferecia, procurei me adaptar a eles. Conversar era o

que mais fluía, eles gostavam de conversar, então fiz disso a minha “metodologia principal” para conseguir trabalhar com eles. O corpo em movimento, a prontidão, não é o forte da turma, havia muita indisposição. Mas aos poucos eu consegui, através do diálogo, encontrar maneiras de fazê-los agir de forma espontânea àquilo que eu estava propondo, que no caso era dialogar sobre qualquer coisa que eles estivessem dispostos a conversarem comigo, e através desse diálogo, refletir sobre.

Não foram em todos os encontros que obtive sucesso, mas foram essenciais pelo fato de que com o diálogo eu conseguia instiga-los, deixá-los curiosos e pensativos sobre questões tão comuns no nosso cotidiano, como por exemplo agressão física. Eu fazia com que em cada encontro pudéssemos nos conhecer, era necessário para eu, mediador, saber a situação de vida deles. Como a internet é um meio tão potente nos dias de hoje, procurei usá-la como ferramenta. Trazia notícias e pedia para eles trazerem também. Acabavam surgindo inúmeras notícias sobre assuntos distintos. Pude perceber que a maneira que eu estava instigando a turma estava dando certo quando uma aluna trouxe uma notícia de uma violência doméstica que acabou em óbito. E ao ler essa notícia, a aluna disse: “Aconteceu a mesma coisa com a minha tia, mas ela não morreu.” Foi naquele momento que eu visualizei uma menina que, ao ler um noticiário, identificou algo tão próximo dela e do quanto isso não pode ser considerado normal.

Eles tinham o tempo deles e suas limitações, e eu estava iniciando a docência dentro do espaço escolar. Não tenho como objetivo me sentir superior a eles, eu não sou, eu sou um mediador do teatro do oprimido, mas por vezes, era necessário lembrá-los de que eu estava ocupando um espaço hierárquico, e que precisávamos nos respeitar para que pudéssemos dar sequência aos nossos exercícios. Isso tudo acontece por parte, pela estrutura escolar, onde existe um distanciamento entre aluno e professor, e quando eles se deparam com algo totalmente diferente do que eles vivem, acabam imaginando que eu não ocupava o lugar que outros professores ocupavam.

Com a turma mais calma, era tudo tranquilo. Eles me receberam bem, tinham autonomia de se manifestar como quisessem naquele momento. Pude então propor alguns exercícios práticos de teatro, já que estavam dispostos e curiosos em relação a aula. Trouxe para nossas atividades práticas alguns alongamentos e para a concentração, Jogos Teatrais da Viola Spolin (2007). A partir disso, desenvolvemos o teatro imagem, que é uma das técnicas de Augusto Boal, onde o grupo determina

montar uma imagem viva de uma situação de opressão, como por exemplo: Agressão física no ambiente escolar. E um outro grupo propõe a desconstrução da imagem, mostrando assim como deveria ser.

Com a turma mais ativa, eu tinha uma facilidade maior de desenvolver as minhas aulas. Foi com eles que eu pude testar várias técnicas. Fizemos jogos da Viola Spolin (2007), exercícios de alongamento, concentração, e várias das técnicas do Teatro do Oprimido. O primeiro foi o Teatro Imagem, como expliquei acima; o segundo foi o teatro fórum, que é a criação de uma cena onde acontece a opressão. Enquanto um grupo apresenta, o outro pede para eles enquanto estão atuando, congelarem. Dessa forma, entra alguém para substituir algum personagem da cena para fazer a desconstrução da opressão, encontrando imediatamente uma forma de se defender daquele momento opressivo diante da história que está sendo mostrada. Conversamos e expliquei basicamente como funciona o teatro tradicional, o distanciamento do público com a cena teatral, do palco, dos atores, dos diretores, dos iluminadores e todos os elementos que compõe um espetáculo.

Foram receptivos, prestativos, investigadores. Uma turma muito atenta e interativa, pois, partia deles alguns trabalhos e exercícios para explorarmos. O que me chamou muito atenção é que quando expliquei sobre o teatro tradicional, foi proposto por eles criar uma peça que falasse sobre opressões para apresentar exatamente para o 6º ano, infelizmente e felizmente por conta da greve estadual que iniciou no mês de novembro por reivindicações dos professores que não estavam recebendo seus salários em dia e não havia reajuste salarial, não conseguimos dar sequência e eu identificar o que eles queriam passar para a turma.

Uma observação geral que posso fazer sobre a minha percepção da turma é que ficou visível que os alunos e alunas têm desentendimentos entre eles/elas e com isso geram algumas opressões, mais por parte dos meninos, em relação à sexualidade, uma maneira que eles encontravam de “xingar” os colegas era debochando da postura do homem, do que ele pode e não fazer, do que é de menino e do que é de menina, uma situação opressora através de apelidos como: “viadinho”, “boiolinha”, “gayzinho” (tudo no diminutivo). Estas manifestações em aula problematizei muito, e me satisfazia deixá-los pensativos e conectando as ações deles com o que eu estava problematizando. Nessas problematizações eu falava sobre gênero e sexualidade, isso tudo aconteceu quando em um certo momento ouvi algum desses apelidos e pensei: Chegou a hora. Vamos falar sobre isso. Peguei uma caneta

e na lousa escrevi a sigla LGBTQI+ (Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, queer, intersexuais e a sigla mais que engloba assexuais, pansexuais, não-binários) e a partir daí expliquei o que cada sigla trazia, também compartilhando um pouco da minha experiência dentro do espaço escolar quando eu também era aluno, já que sou um homem branco, gay cis. Alguns vinham até mim, e relatavam que concordavam e compartilhavam suas histórias de opressões vivenciadas para que pudéssemos encontrar soluções, tornou-se uma partilha de suas histórias e histórias de quem eles conheciam.

Uma questão que me deixou muito perturbado foi que, a maior opressão vivida naquele ambiente, vinha diretamente do corpo docente. Os alunos são muito rotulados, como: terríveis, sem futuro, namoradores e incapazes. De verdade, eu não julgo o corpo docente pela ação, eu não vivo dentro da realidade deles, seria muito injusto da minha parte criticá-los sem observar. Eu, como acadêmico, que estudo a teoria, não lido com a verdadeira prática escolar. Os professores têm salários atrasados, anos de carreira desvalorizada, uma realidade que não cabe a mim julgar, mas que de qualquer forma, não posso deixar de registrar que não concordo com os rótulos e determinadas manifestações feitas em relação aos alunos e alunas, jovens em formação que também tem suas vidas familiares/extra-escolar com inúmeros conflitos.

Certo dia no início da aula, após o recreio, quando os alunos voltam muito agitados, alguém, que não cabe a mim expor (uma professora), invadiu a minha aula e de forma autoritária tentou acalmá-los. Aquela situação era visível para mim a maneira opressora que a professora os tratou. E a partir dali, fiquei questionando: Qual o meu objetivo aqui dentro da escola se a maior opressão vem diretamente de quem está “acima” deles? Não consegui retornar para a escola na semana seguinte, me frustrei, me entristeci e tentei encontrar dinâmica para dar sequência nas próximas aulas até o término do ano letivo. O grupo do TOCO é muito unido, compreensível e atento. E compartilhei como eles toda essa frustração vivenciada e dialogaram dando dicas de como eu poderia continuar colaborando com a escola.

O teatro do oprimido, no meu ponto de vista, vai além das técnicas sistematizadas por Boal. Procuro me encaixar na comunidade onde atuamos e entender o que os sujeitos daquele local estão vivendo e ter como objetivo colaborar com o grupo. Então, proponho jogos teatrais, exercícios e as técnicas teatrais. Mas se por algum acaso não for bem recebido por eles (como aconteceu com uma das

turmas), eu simplesmente tento usar das ferramentas que eu tenho para dialogar em todos os espaços, buscando sempre os instigar a pensar sobre o que está acontecendo tanto na escola quanto na vida pessoal de cada um.

Entendendo que talvez não faça uma transformação imediata na sociedade, durante os meus encontros com os alunos, mas observo que posso ajuda-los a tornarem-se pessoas capazes de questionar e saber lidar com situações que os oprimem de alguma forma e saber que também são opressores. Muitas vezes o nosso trabalho pode ser, dentro do espaço escolar, a única oportunidade de dialogar sobre questões tão pertinentes na sociedade e o quanto que a colaboração de alguém que tenha uma visão ampla sobre a realidade social pode nos ajudar a ser de fato uma pessoa melhor, podendo assim, partilhar disso com outras pessoas.

4 COMO A TEORIA E A PRÁTICA SE CONVERSAM

Sabemos que a universidade pode se tornar uma bolha limitada quando nos focamos em apenas utilizar o livro e a caneta. Eu, por exemplo, acabei me tornando intolerante para muitas relações que a partir daquele momento de conhecimento e leitura sobre a construção social se tornariam tóxicas para o meu cotidiano. Por exemplo, me afastei de indivíduos que faziam piadas preconceituosas ou assuntos de puro egocentrismo e superficialidade. Em tese o universo se torna um motivo para termos esperança na humanidade, cheguei a acreditar que os preconceitos que sofri na minha infância e adolescência estariam sendo exterminados por conta de tantas informações que a sociedade recebe atualmente. Infelizmente a internet, uma máquina tão potente, não é capaz de educar uma sociedade, é apenas um meio que pode favorecer ou não.

Acreditava que estaríamos muito evoluídos porque na comunidade que eu estava inserido, todos estavam dialogando com as mesmas percepções de mundo que eu questionava. Não vou negar que me tornei um pouco descontente com a militância virtual. Para mim, isso não seria o suficiente. Hora ou outra seria exaustivo para a militância que consegue colaborar pouco com a nossa sociedade. Há muitas formas de informar nas redes, porém não são o suficiente para termos uma sociedade livre de qualquer situação opressora que mexe com o sentimental das pessoas.

Quando o mundo caiu sob os meus olhos, pude perceber que toda a teoria seria essencial para que, a partir dali, pudesse ter uma outra visão de mundo, uma reconstrução das minhas opiniões formadas sobre inúmeras questões sociais que afetam os mais vulneráveis. Passei a entender parte do corpo docente em sua desvalorização profissional, mesmo que não concordando com as ações que estabeleciam. A essência de Boal, no constante trabalho de explicar as opressões, se deu em determinados momentos na minha trajetória dentro daquela escola, a educação solidária de Freire foi de minha parte sempre colocada em prática, embora em alguns momentos precisei ser mais resistente para manter o controle daquele grupo, pois não estavam acostumados com um professor que fosse capaz de viver as realidades deles, junto deles, sem obrigá-los a fazer o que não queriam fazer. Como gostavam muito de explorar a área da música e do futebol, trazia-os para as nossas aulas.

Quando havia algum conflito na escola, ou alguma situação entre os próprios alunos ou entre os professores com os alunos, por não conseguirem passar seus conteúdos, eu levava isso para as reuniões de planejamento e avaliação do nosso projeto de extensão. Além de discutirmos as possibilidades de minimizar esses conflitos eu lia nem que fosse um trecho do que os grandes mestres gostariam de me falar. Me construí muito dentro da sala de aula, me tornei o professor que não tem saberes prontos, estanques, porque constrói junto de seus alunos as inúmeras possibilidades de fazer o percurso educacional. As experiências na escola fizeram com que eu pudesse encontrar rapidamente alguma maneira de equilibrar as minhas aulas e a minha permanência dentro do espaço escolar. Em um determinado momento Boal diz:

A maioria de nós não é capaz de dar nossas vidas em tais sublimes gestos de solidariedade. Nada impede que cada um faça sua parte possível. Se não podemos dar tudo que temos, podemos dar o que podemos dar, colaborar da forma que pudermos colaborar – é o caminho. A correção da caminhada é mais importante que o tamanho do passo. (BOAL, 2009, p. 214)

Volto a falar que durante essa vivência na escola, fiz o que pude e o que achei mais importante. Tenho consciência de que eu não transformei ninguém, mas posso ter aberto caminhos para uma percepção deles mesmos em outros momentos das suas vidas. Aquele momento foi precioso tanto para mim quanto para os alunos. O que é a construção de uma pessoa se não a aprendizagem que carregamos? Eu lembro até hoje os momentos mais marcantes que tive enquanto aluno de escola pública. Talvez eu seja para eles o que muitos professores foram para mim, eternos e essenciais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência através da minha participação na extensão universitária fez com que se abrissem novas percepções sobre as diferentes comunidades em que pretendemos ou podemos trabalhar como professores de teatro. A base, a essência da linguagem e a teoria teatral estão construídas na formação que recebemos através das disciplinas previstas no currículo do Curso de Teatro, mas o desenrolar disso está dentro da escola, dentro de cada sala de aula, na realidade dos estudantes que fazem parte dela, como citei acima sobre minha experiência com três turmas distintas. Saliento que é delicado trabalhar sobre opressões em comunidades, não concordo em ingressar em grupos determinando o que é certo ou errado. É muito perigoso dizer que quero “empoderar” pessoas, porque empoderando corro o risco de revoltá-las contra outros seres humanos, sem dar-lhes muito preparo para organizarem suas revoltas, pois o papel do professor em sala de aula, ainda é muito limitado para o tanto que precisamos fazer para a sociedade avançar, e eu não tenho como objetivo inverter papéis de opressores e oprimidos.

Luto por uma sociedade justa, de respeito e contra qualquer tipo de intolerância, seja religiosa, política ou de diferenças sociais. Esses assuntos precisam ser discutidos, precisam estar dentro de todos os espaços sociais, não podemos nos deixar levar pela ilusão de que não devemos alimentar a percepção de mundo de cada indivíduo. Precisamos que os seres humanos reconheçam suas capacidades e direitos à vida digna, e o papel do professor de artes é alimentar a percepção dos sentidos.

No TOCO, eu não apenas me experimentei para a docência, mas me renovei como ser humano. O meu trabalho dentro da escola reverberou para a minha formação pessoal, e isso trouxe mais sensibilidade para os meus olhos. O professor é um ator, que monta, cria, dá vida a um personagem, constrói e reconstrói todos os dias. Um personagem que se modifica a todo instante em diversas salas de aula.

Posso afirmar que esse primeiro contato com a escola, estimulado pelo o projeto de extensão, trouxe uma nova percepção de mundo para mim, eu tinha um plano de aula projetado, pensado, idealizado, mas antes disso, havia uma turma que precisava ser escutada e observada para avançar nesse processo de utilização do teatro como uma ferramenta para ação social. Como disse, o teatro em muitas situações é visto como um produto comercial, e essa nova visão do que realmente o

teatro pode nos oferecer é uma construção que está iniciando-se nos espaços educacionais, e que precisa ser inserido como uma disciplina obrigatória nas diversas comunidades escolares como um conteúdo para a qualificação do ensino e o desenvolvimento de cada ser.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOAL, Augusto. A estética do oprimido. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BOAL, Augusto. Teatro do Oprimido: e outras poéticas políticas. São Paulo: Editora 34.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. Política e Educação. São Paulo: Cortez, 1993.

SPOLIN, Viola. Jogos Teatrais na sala de aula, 2007. Perspectiva.